

Editorial

SOCORRO
AÉREO

Empresas comerciais e órgãos governamentais do setor aéreo estiveram reunidos, ontem, para finalizar uma série de ações tendo em vista evitar, neste fim de ano, a ocorrência de um novo caos no sistema como o que ocorreu em 2006.

Três fatores contribuem para esse risco: a afluência de uma nova categoria de passageiros, proveniente da classe C; a venda de passagens acima da capacidade de transporte das empresas; e a falta de infraestrutura dos aeroportos.

A expectativa é que as viagens deverão ter um aumento de 20%. A Infraero, que administra os aeroportos, espera, na segunda quinzena de dezembro, mais 5 milhões de passageiros, que exigirão mais 50 mil decolagens.

Há poucos dias, a Iata, focando os aeroportos brasileiros diante da perspectiva de dois eventos esportivos de grande porte, a Copa do Mundo e as Olimpíadas, afirmou que a situação, atualmente, é preocupante.

O ministro Nelson Jobim, da Defesa, no entanto, garante que o governo não vai perder o controle da situação. Tudo será feito para evitar o congestionamento dos aeroportos. Estes e as empresas estão formulando planos de contingenciamento.

Entre as providências que poderão ser adotadas, estão a colocação de aviões extras, a contratação de mais pessoal e a suspensão do gozo de férias durante esse período. As empresas serão instadas também a trabalhar juntas.

No entanto, tudo o que a reunião poderá prover são soluções de emergência, sobretudo de gerência. A infraestrutura permanece quase a mesma. A única intervenção substancial é a construção de um terminal extra em Brasília.

O crescimento da demanda no transporte aéreo não se deu de uma hora para outra. Veio crescendo devagar. Os responsáveis descuidaram do planejamento ao não projetarem para o futuro as necessidades do sistema.

Nessas condições, o jeito é torcer para que as atuais providências sejam suficientes para atender à demanda. O setor continua, no entanto, a exigir intervenções profundas, de modo a se adequar às exigências do país.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Teodomiro Braga
DIRETOR FINANCEIRO Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL
Leandro Figueiredo

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Alessandra Soares

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTA DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Aline de Almeida Reskalla

EDITORES

Primeira Página: Robert Wagner
Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Política: Carla Kreefft
Magazine: Silvana Mascagna
Brasil/Mundo: Carla Chein
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Carla Alves
Fotografia: Leonardo Lara

O.PINIÃO

Duke



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica
fatimaoliveira@ig.com.br

A dona Lô que aparece em meus escritos da chapada do Arapari

Sob sua inspiração, criei um blog literário de ficção

Era irmã do meu avô Braulino uma tia muito querida, a tia Lô, que me chamava de “Fátia”. Era uma sendeira “quieta” – mulher separada do marido que não tem homem. Era uma Bodô (nome do pai dela), mulher de respeito, sem filhos, mas criou a Maria das Graças e o Dé, vaqueiro do meu avô; e eu era uma espécie de adoradora dela.

Na casa da tia Lô, havia um copo de alumínio, um prato esmaltado, uma colher e um talher de metal que só eu podia usar. Ai, ai de quem “bulisse” neles, pois tia Lô não deixava e ainda alfinetava: “Não bole nas coisas da Fátia que ali é menina puro entoj!”. Naquele tempo, usava-se colheres de cobre, lindamente amareladas, da cor de ouro, mas elas azinhavravam. Eu as odiava, pois, quando não bem lavadas e esfregadas na areia de tabatinga, davam um gosto ruim à comida. Como ela morava na fazenda do meu avô, bem perto do curral, ficava em sua casa também um “copo de asa” (de alumínio) para beber leite mungido, que era só meu.

Eu adorava a comida da tia Lô e nas férias zanzava muito na casa dela. Era costume, em casa de muitas crianças, a comida ser servida numa bacia grande; uma colher pra cada uma, que comiam ali, sentadinhas no chão forrado com uma esteira de palha de palmeira de coco babaçu. Ela fazia assim com os netos, os filhos do Dé, que naquela época eram uns quatro. Mas eu não comia daquele jeito em minha casa. Então, ela fazia o meu prato e o colocava na mesa. De vez em quando, o Rompe-ferro, um cachorro do meu avô, avançava na bacia e devorava a comida das crianças! Pense na choradeira...

Era adolescente quando ela morreu em meus braços. Ela é uma doce e inspiradora recordação. Tia Lali, do meu livro “Reencontros na Travessia: a tradição das carpideiras”, é a sua imagem. Ainda sob sua inspiração, criei a dona Lô, em “Tá lubrinando – Escritos da chapada do Arapari”, um blog literário: um ponto de publicação de “coisas” escritas em momentos de grandes inspirações, pois a chapada do Arapari é um lugar que existe, mas, ao mesmo tempo, é meu imaginário... (<http://talubrinandoescritoschapadadoarapari.blogspot.com>)

Um ponto de publicação de “coisas”, pois a chapada de Arapari é um lugar que existe, mas, ao mesmo tempo, é meu imaginário...

Nunca desejei ter um blog e resistia, apesar das cobranças de muita gente que não entendia como uma escritora e livre-pensadora com produção intelectual enorme e intensa não mantivesse um, nem que fosse para ser depositário de crônicas, artigos e ensaios de minha autoria – exatamente uma característica que jamais me fascinou.

Todavia, durante a campanha das últimas eleições presidenciais, aprendi que é vital saber “dar o pulo do gato” para ocupar possíveis vazios da política, dada a receptividade de dois textos meus – “especiais” para o “Viomun-

do”, o popular “blog do Azenha”, cujo editor é o jornalista Luiz Carlos Azenha – que dialogavam com um momento político misógino, por haver uma mulher libertária candidata à Presidência da República. Ali foi forte a percepção de que uma presidente com a feição política de Dilma não pode prescindir de demonstrações de apreço das mulheres em luta.

Tia Lô, que “mandava em sua semana”, dizendo que mulher que dá conta de si pode tudo, explodiu em minha memória com sua graça. Sem dúvida, ela seria uma dilmista juramentada. Assim, surgiu o “Tá Lubrinando – Escritos da chapada do Arapari”, como um espaço literário de ficção, abrihantado por dona Lô, que apareceu no episódio “Dona Lô vai a Brasília” colocando na platibanda de sua casa a faixa: “Eu sou é Lula até debaixo d’água! Viva Dilma Rousseff, a primeira presidenta do Brasil!”.

